

OS “POETAS NOVOS” EM CATULO: PRIMEIRAS REFLEXÕES

Diogo Martins ALVES
(Orientadora): Profa. Dra. Isabella Tardin CARDOSO

RESUMO: Catulo é, para os modernos, o principal representante da corrente estética em que sua poesia se insere, o chamado “neoterismo”. É também uma das principais fontes de informação sobre os poetas neotéricos, de que restaram apenas poucos fragmentos, além de outros testemunhos indiretos. Nosso texto considera a menção a alguns neotéricos selecionados, a saber: Cornélio Nepos; Públio Valério Catão; Marco Fúrio Bibáculo; Caio Licino Calvo e Caio Hélvio Cina em poemas selecionados de Catulo (1, 11, 16, 53, 56, 95, 96 e 102), visando a partir deles, como primeiro passo em direção a seu estudo, sistematizar as informações acerca dos poetas novos e de suas obras. Dentre as dificuldades encontradas estão, no entanto, também uma série de inconsistências e aparentes contradições nas referências catulianas a seus neotéricos.

Palavras-Chave: Letras Clássicas; Literatura Latina; Catulo; Neotéricos, *Poetae Noui*

Catulo e os *Poetae Noui*

O período em que o poeta Catulo viveu (entre 87-84 e 57-54 a.C.) foi de importantes transformações no cenário da poesia em Roma antiga. Já presente desde o início da literatura romana¹, a influência helenística, nomeadamente da escola alexandrina², foi, desta vez, absorvida de um modo determinante para a tendência artística do círculo de poetas³ a que ele se filiava, os chamados “neotéricos”.

¹ Para a épica de Ênio como inserida no experimentalismo helenístico, cf., por exemplo, A. Barchiesi, “L’Epos” in CAVALLO et alii (1993), *Lo spazio letterario di Roma antica*.

² A inserção da influência helenística entre os poetas romanos do período de Catulo se fez por intermédio Partênio de Nicéia, poeta grego autor de *Erotikà Pathémata* (“Sofrimentos do Amor”), capturado como escravo e levado a Roma em 73 a.C., onde serviu à família de Hélvio Cina. Partênio difundiu a obra de Apolônio de Rodes (295-215 a.C.) e Calímaco de Cirene (300 a.C. - 240 a.C.). Cf. PARATORE, 1987: 312. Calímaco foi autor do epílio *Hécale*, como também de outras obras como *Aetia*, em cujo prólogo expressa seu repúdio a poemas longos e cíclicos, característicos da poesia épica (OLIVA NETO, 1996: 31) Sobre as obras de Calímaco, cf. ARATUS, 1950; CLAUSEN, 1996: 815-816. Calímaco é explicitamente mencionado por Catulo nos *carmina* 65 e 116, que iniciam e encerram, respectivamente, a seção de poemas elegíacos de seu *Liber*. Além disso, o *carmen* 66 apresenta, inclusive, uma tradução da sua elegia “A Trança de Berenice”.

³ Quanto à questão do grupo dos poetas novos, há diversas suposições. Alguns estudiosos argumentam que essa tendência artística representava uma escola literária, como Wiseman, que a

Pouco se sabe acerca dos demais poetas neotéricos, uma vez que, fora a obra de Catulo, daqueles apenas fragmentos e testemunhos indiretos nos foram legados.⁴ Essa escassez nos surpreende, visto que tal tendência estava tão presente no cenário romano da época, que o político, orador e (embora pouco se lembre) também poeta, Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) se referiu aos adeptos da corrente estética a que Catulo pertencia como *poetae noui*, “poetas novos”.⁵

Na fala de Cícero, o termo foi empregado pejorativamente para designar aqueles poetas unidos por ideais estéticos comuns, como o abandono do *epos* de tipo homérico e eniano⁶, tão caro a Cícero. Tal postura dos “poetas novos” envolveria também a renúncia à celebração de ideais cívicos da República romana, entre eles o de *uir bonus* (do “homem de bem”). O termo *neóteroi* foi também cunhado por Cícero em uma passagem de uma carta a seu amigo Ático⁷ em que fica claro o desprezo do orador tanto por esses poetas jovens, como por suas inovações estéticas.

De fato, como se vê na poesia remanescente de Catulo, a tendência é, em linhas gerais, representada por composições que contrastam com a épica: são pouco extensas (*breuia carmina*) e exprimem uma perspectiva predominantemente subjetiva⁸. Mesmo os chamados epílios⁹ (pequenos poemas épicos) enfatizavam tal perspectiva, por exemplo, ao abordar de modo enfático

define como “neoteric school” (*apud* THOMSON, 1997: 16). Contudo, outros estudiosos, como Paratore (1987: 316), não a consideram o cenário de uma escola rígida, mas sim uma corrente artística livre.

⁴Cf. HOLLIS, 2007; MOREL, 1995; LEONI, 1961.

⁵ *O Orador*, 161: “[...] *Ita non erat ea offensio in uersibus quam nunc fugiunt poetae noui* [...]”. Há, inclusive, uma outra referência nas *Tusculanas*, III, 45, na qual os poetas novos são chamados de *Cantoribus Euphorionis*. Cf. Clausen, 1996: 178-179.

⁶ Lívio Andronico (280-204 a.C.) traduzira *Odisséia*, Nívio (269-201 a.C.) publicara *Guerra Púnica* e Ênio (239-169 a.C.) os *Anais*. Todos eles textos épicos que exaltavam as proezas de seus antepassados, zelosos de sua tradição patriótica

⁷ *Cartas a Ático*, VII, 2, 1: *Brundisium uenimus VII Kal. Dec., usi tua felicitate nauigandi: ita belle nobis flauit ab Epiro lenissimus Onchesmites. Hunc spondeiazonta si cui uoles ton neoteron pro tuo uendito*. E, ainda, cf. CLAUSEN, 1997: 179.

⁸ A perspectiva subjetiva, intimista, expressa nos poemas catulianos, já levou à leitura da obra de Catulo como biografia. Contudo, como nos apresenta Vasconcellos (1991: 24-25), a subjetividade também é um elemento estrutural do poema, em que se deve dissociar da vida do poeta em carne e osso o “eu” expresso na poesia (isto é, a *persona* do eu-lírico). No mesmo sentido, Oliva Neto (1996: 38) considera essa visão biográfica da obra de Catulo um desvio, do fato literário, que é certo, para um fato histórico, que é incerto.

⁹ Em geral, os epílios são composições que não ultrapassavam os quatrocentos versos, opondo-se, dessa forma, aos poemas épicos. Através do epílio *Hécale*, Calímaco teria influenciado os poetas novos como Valério Catão, Hélvio de Cina, Lícínio Calvo e Cornifício (OLIVA NETO, 1996: 217).

casos célebres de amor na mitologia.¹⁰ Em Roma essa nova tendência literária consolida a atividade poética de maneira mais autônoma, mais comprometida com o prazer estético, a partir da transformação de qualquer matéria. Com isso, nas palavras de Vasconcellos, os *poetae noui* atuaram “elevando a forma literária a um grau de refinamento e elaboração jamais alcançado até aquele momento, na poesia latina”¹¹. Tal postura privilegia a chamada poesia de circunstância, as *nugae*, de temática banal e cotidiana, contrastando com poesia tradicional, marcada pela seriedade (*grauitas*) dos temas.

Alguns estudiosos enfatizam, ainda, o legado dos *poetae noui* para as gerações seguintes: os anos que precederam o primeiro poema de Ovídio foram um período de “creative energy” sem paralelo na literatura latina, representados em novos padrões de refinamento na poesia latina e novos níveis de ambição poética – sobretudo em Virgílio e Horácio.¹² Todavia, identificar quem foram os outros neotéricos e o que se pode sugerir sobre eles ainda hoje, torna-se possível a partir da consulta de fontes antigas, uma vez que, como acima dito, apenas a obra de Catulo nos foi legada de modo mais completo. A referência a esses outros *poetae noui*, então, não prescinde somente de menções àqueles presentes na própria obra de Catulo, mas também nas obras de Suetônio (70-140 d.C.), S. Jerônimo (347-319/320 d.C.) e Plínio – O Velho (23-79 d.C.)¹³. Contudo, em nossa breve exposição, observaremos algumas das menções no livro de Catulo.

Cornélio Nepos, um biógrafo neotérico: Já ao iniciar sua obra, o poeta a dedica a um certo Cornélio (*Carm.* 1, v. 3):

*Quoi dono lepidum nouum libellum
arida modo pumice expolitum?
Corneli, tibi, namque tu solebas
meas esse alicquid putare nugas
iam tum cum ausus es unus italorum 5
omne aeuum tribus explicare cartis
doctis, Iupiter, et laboriosis.
Quare habe tibi quicquid hoc libelli
qualecumque; quod, o patrona uirgo
plus uno maneat peremne saeclo. 10*

A quem dedico esta graça de livro
novinho em folhas recém-buriladas?
A ti, Cornélio, pois tu costumavas
Ver uma coisa qualquer nestas nugas,
já desde o tempo em que ousaste, primeiro,
na Itália inteira, explicar toda a História
em três volumes mui sábios – por Júpiter! –
muito difíceis. Contigo então, leve,
leva este quê, o que for, de livrinho:
que viva, ó deusa virgem, mais de um século!
(OLIVA NETO, 1996: 67).

¹⁰ Haja vista, por exemplo, o *carmen* 64 de Catulo. Vale ressaltar que o poeta poderia se expressar subjetivamente tendo como máscara os personagens dos mitos, como pondera Gallardo (1990: 27) ao atribuir à Ariadne a personagem-máscara de Catulo nesse epílio.

¹¹ 1991: 18.

¹² HARDIE, 2002: 14.

¹³ PARATORE, 1987, passim.

Associa-se o vocativo *Corneli* do primeiro poema ao escritor Cornélio Nepos (99-24 a.C.). O pouco que se sabe sobre sua vida vem de informações transmitidas por Plínio – O Velho¹⁴. Sabe-se que, como Catulo, Nepos era originário da Gália Cisalpina e que vivera em Roma, como mencionado por Plínio – O Jovem e Cícero¹⁵. Pela dedicatória de Catulo, infere-se que Cornélio Nepos foi autor de obras de historiografia, em três volumes (*tribus [...] cartis*, v.6), que seriam, também segundo Catulo, “doutos e elaborados” (*doctis [...] et laboriosis* v. 6-7). Trata-se das chamadas *Chronica*¹⁶ que se perderam, as quais teriam sido o primeiro trabalho de sistematização cronológica da história universal, precedendo as obras de Varrão e de Ático¹⁷.

Obras de Cornélio Nepos são mencionadas por diversos autores antigos. A de título *Exempla* é citada por Suetônio e Áulo Gélio; sua obra geográfica (cujo título não se conhece) é referida por Plínio – O Velho; as biografias de Cícero e de Catão, por Gélio, e *De viris illustribus* (“Sobre os homens ilustres”) comentada também por Suetônio e Gélio¹⁸. *De excellentibus ducibus exterarum gentium* (“Sobre os excelentes líderes dos povos estrangeiros”) nos foi legada integralmente.

De que modo a obra em prosa de Cornélio Nepos se compatibiliza com a estilística neotérica? Paratore¹⁹ aponta suas biografias como condizentes com “os objetivos morais” do legado da biografia helenística. Em nota ao primeiro poema de Catulo, Oliva Neto²⁰ lembra que Cornélio teria sido autor também de poemas ligeiros²¹, além de editor do próprio livro de Catulo. Mas, independentemente disso, no texto do poema dedicatório Catulo afirma que Cornélio veria algo de bom em suas *nugae* (v. 4), o que sugere, no mínimo, uma simpatia do biógrafo para com estética dos poetas neotéricos.

Uma outra referência a certo Cornélio, também no vocativo, aparece no *carmen* 102 (grifos nossos):

¹⁴ *Naturalis Historia*, III, 127; IX, 137; X, 60. Cf. WATSON, 1853.

¹⁵ *Epistulae*, IV, 28, 1 e *Epistulae ad familiares*, XV, 16, 1, respectivamente. Cf. WATSON, 1853.

¹⁶ Há uma referência da respectiva obra em *Noctes Atticae*, XVII 21, 3, obra do gramático Aulo Gélio que cita o livro primeiro: “[...] *Cornelius Nepos in primo chronicorum de Homero dixit [...]*”; como também em *Probo Praefecto Praetorio*, XII, obra de Ausonius: “[...] *apologos Titiani et Nepotis chronica quasi alios apologos (nam et ipsa instar sunt fabularum [...])*”. Cf. WATSON, 1853.

¹⁷ PARATORE, 1987: 309.

¹⁸ Suetônio, *Vida de Augusto*, 77; Aulo Gélio, *Noctes Atticae*, VI, 18, 11; Plínio, *Naturalis Historia*, V, 4; *Noctes Atticae*, XV, 28, 2; Suetônio, *Terence*, III; *Noctes Atticae*, XI, 8, 5, respectivamente. Cf. WATSON, 1983.

¹⁹ 1987: 309.

²⁰ 1996: 183.

²¹ Talvez Oliva Neto se refira aos poemas de Nepos citados por Plínio – O Jovem em *Epistulae*, V, 3, 6. Cf. WATSON, 1983.

<p><i>Si quicumque tacito commissum est fido ab amico cuius sit penitus nota fides animi, meque esse inuenies illorum iure sacratum Corneli, et factum me esse puta Harpocratem</i></p>	<p>Se algo pode um amigo confiar a quem cala, em quem muita se viu fidelidade, verás, Cornélio, que por jura eu sou um desses e crê-me transformado em Harpócrates. (OLIVA NETO, 1996: 156)</p>
---	---

É possível pensar que, nesse epigrama, se trate do mesmo Cornélio do poema 1, que é identificado como Cornélio Nepos; mas, visto que não há qualquer menção à atividade literária do destinatário, ou a qualquer outro aspecto suficiente para caracterizá-lo como Nepos, a questão fica em aberto. A própria ambigüidade presente no poema – como sugerido por Oliva Neto –, no qual não se sabe se *Corneli* é retratado como amigo ou não, também corrobora para essa incerteza²². Thomson²³ ressalta, ainda, o fato de Cornélio se tratar de um nome ordinário²⁴.

Públio Valério Catão: O poeta P. Valério Catão (98 a.C. - ?), predecessor dos neotéricos²⁵, é também lembrado no *Liber* de Catulo, nomeadamente no *carmen* 56:

<p><i>o rem ridiculam Cato et iocosam dignamque auribus et tuo cachinno ride quidquid amas Cato Catullum res est ridicula et nimis iocosa deprendi modo pupulum puellae trusantem hunc ego si placet Dionae pro telo rigida mea cecidi</i></p>	5	<p>Coisa de rir, Catão, cheia de gozo! Decente a teu ouvido e gargalhadas. Ri, Catão, quanto mais amas Catulo. A coisa é de rir, tão cheia de gozo. Há pouco surpreendi um rapazinho montando uma garota. Sobre ele eu, – loa a Vênus – duro, despenquei. (OLIVA NETO, 1996: 104)</p>
--	---	---

O Catão referido por Catulo seria o poeta que, segundo Suetônio (*De grammaticis*, II), provinha da Gália Cisalpina e, após ficar órfão e ser despojado dos bens paternos, torna-se professor (*grammaticus*), profissão que lhe rendera fortuna para comprar uma vila, como ele mesmo afirmaria em seu livro, não transmitido a nós, intitulado *Indignatio*. Contudo, cedendo aos credores, Públio Valério Catão teria vivido seus últimos dias em extrema miséria. Ainda em sua

²² Caracterizada por se tratar de uma oração condicional, na qual se permite a verificação, ou não, da hipótese (1996: 251). Ainda sobre esse assunto, vale ressaltar a inconstância das relações de Catulo com seus amigos, assunto do qual abordaremos adiante ao apresentarmos o *poeta nouus* Fúrio Bibáculo.

²³ 1997: 539.

²⁴ Merrill (1951: 216) não considera que seja o mesmo Cornélio a quem Catulo dedica seu *liber*. Tampouco acredita que se trate do mesmo Cornélio presente no *carmen* 67, v. 35, habitante de Bríxia, por quem Catulo não possuía considerações.

²⁵ cf. OLIVA NETO, 1996: 207.

biografia, Suetônio (*De grammaticis*, XI) apresenta dois epigramas de Tícidas, além de um epigrama atribuído ao netórico Fúrio Bibáculo, em que a obra de Valério Catão é caracterizada como “crítica e mestre do gosto contemporâneo”²⁶:

*Cato grammaticus, Latina siren
qui solus legit ac facit poetas.*

Catão gramático, Sirene latina,
que sozinho lê e faz poetas (frag. 1)²⁷.

Públio Valério Catão publicara ainda dois epílios, *Lidia* e a *Dictinai*²⁸. No cenário político, fora republicano, o que poderia ter sido o motivo de sua pobreza. O autor ainda é lembrado em *Tristes* II, v. 436 de Ovídio²⁹.

Marco Fúrio Bibáculo e a esquizofrenia poética: Em sua biografia sobre Públio Valério Catão, Suetônio (*De grammaticis*, XI) apresenta epigramas que são atribuídos a Fúrio. Sobre seu nascimento S. Jerônimo (347-420 d.C.) em suas *Crônicas*, 1914 sugere o ano de 103, na cidade de Cremona³⁰.

De suas obras, há alusões em Tácito (55-117 d.C.) (*Anales* IV, 34), acerca de um epigrama contra Augusto (63 a.C – 14 d.C.), acusando-o pela (supracitada) pobreza do amigo Públio Valério Catão. Ademais, é mencionado por outros autores, como Horácio (65-8 a.C.) (*Sátiras*, II, 5, 40-1), Tácito (*Anais*, IV, 34, 5) e Quintiliano (35/40- 95 d.C) (*Instituições Oratórias*, X, 1, 96).³¹

Curioso é que a figura de Fúrio Bibáculo é associada, como aponta Paratore³², à de Fúrio Alpino, autor de dois poemas épicos: *Pragmatia belli Gallici* e *Aethiopsis*. Seria possível que o mesmo autor escrevesse em estilo alegadamente tão distantes como a poesia neotérica e a épica?

Observemos ainda que Catulo se refere a “Fúrio” outras vezes em seu *Liber*. Uma delas é seu *carmen* 11, em que o Furius é tratado como amigo:

*Furi et Aureli, comites Catulli,
siue in extremos penetrabit Indos
litus ut longe resonante Eoa
tunditur unda...*

Fúrio e Aurélio, amigos de Catulo –
se for até o extremos Indos, onde
praias contunde a onde do oriente
que soa ao longe...

(OLIVA NETO, 1996: 76)

²⁶ PARATORE, 1987: 316; cf. ainda MOREL, 1995: 195.

²⁷ OLIVA NETO, 1996: 207.

²⁸ Poemas saudados por Tícidas: *Lydia doctorum maxima cura liber*. “Lídia, livro com o máximo esmero dos outros [poetas]”, e por Cina: *saecula permaneat nostri Dictynna Catonis*. “que Dictina de nosso Catão dure por séculos”, respectivamente. (OLIVA NETO, 1996: 246-247).

²⁹ VASCONCELLOS, 1991: 96; OLIVA NETO 1996: 207; MOREL, 1995: 196.

³⁰ PARATORE, 1987: 317; HOLLIS, 2007: 118.

³¹ OLIVA NETO, 1966: 188; MOREL, 1995: 196.

³² 1987: 317-318.

O contexto do poema 11, em que, como vemos, o referido Fúrio é tratado como amigo (cf. *comites*, v. 1, e *passim*) destoará, no entanto, do tratamento ao destinatário também referido pelo vocativo *Furi* no poema 16:

<i>Pedicabo ego et uos irrumabo</i>	Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos,
<i>Aureli pathice et cinaedi Furi,</i>	Aurélio bicha e Fúrio chupador,
<i>qui me ex uersiculis meis putastis,</i>	que por meus versos breves, delicados,
<i>quod sunt molliculi, parum pudicum...</i>	me julgastes não ter nenhum pudor...
	(OLIVA NETO, 1996: 80)

Nesse poema Fúrio é caracterizado como *cinaedi* (v. 2), termo ofensivo que remete à prática da felação, mais precisamente, à pessoa que pratica o ato. Também nos remete à idéia de inferioridade do sujeito representada pela passividade no ato sexual – essa inferioridade era associada, ordinariamente, a imagem de mulheres e escravos.³³ Contudo, ao se associar à um cidadão romano o termo assume um caráter ofensivo ainda maior, uma vez que fere o conceito de *uirtus*, ou seja, fere a qualidade do homem com autocontrole, viril³⁴.

Tal contraste no tratamento do “Fúrio” leva a se pensar se, de fato, o mesmo poeta seja referido, de modo tão díspare, nos dois poemas. Oliva Neto³⁵ sugere que o Fúrio citado no *carmen* 16 de Catulo (*cinaede Furi*) seja o mesmo Fúrio Bibáculodo *carmen* 11.

Tal opinião nos remete de volta à discussão quanto à identidade poética de Fúrio: seria mesmo possível afirmar que o neotérico Fúrio Bibáculo e o épico Fúrio Alpino venham a ser mesmo poeta?

Estimula-nos a pensar nesta hipótese a idéia de que o neoterismo não seria propriamente uma escola, mas sim uma corrente artística livre, o que faria com que muitos poetas pudessem hesitar entre orientações artísticas diversas³⁶. Dessa forma, pensamos, poder-se-ia supor que Fúrio Alpino venha a ser uma *persona* poética, como que um heterônimo, de Fúrio Bibáculo, a qual seguiria um estilo diferente do neotérico ao compor seus poemas épicos. Seria esta a

³³ Cf. OLIVA NETO, 1996: 48-50. ADAMS (1990: 194) ressalta que o sentido do termo varia de acordo com seu contexto. *Cinaedus*, num primeiro momento, designava “dançarino”, uma vez que muitos músicos e dançarinos eram prostitutas, passando então a designar, num segundo momento, afeminado, pederasta. Contudo, se o contexto no qual o termo está inserido remete a questões sexuais, sua conotação passa a assumir aspectos mais intensos, como no caso do *carmen* 16 de Catulo.

³⁴ Vale ressaltar, ainda, que as investidas de Catulo contra os poetas também remetem ao ciclo de poemas de Juvêncio, o *puer* de Catulo. cf. OLIVA NETO, 1996: 190; THOMSON, 1997: 257; MERRILL 1951: 29.

³⁵ 1996: 188 e 191. Idéia corroborada por Thomson, que também afirma serem Aurélio e Fúrio amigos de Catulo aos quais, por vezes, dirige palavras ásperas. O comportamento seria típico de Catulo, como nos *carmina* 15, 21, 23, 24 e 26 (1997: 235).

³⁶ PARATORE, 1987: 316.

persona de Fúrio (épica, durona, infira-se: reprovadora de versos amorosos...) a veementemente ameaçada por Catulo no poema 16?³⁷ A célebre passagem que a seguir transcrevemos ilustra nosso ponto de vista:

*Nam castum esse decet pium poeta
Ipsum, uersiculos nihil necesse est.*

A um poeta pio convém ser casto
ele mesmo, aos seus versos não há lei.
(OLIVA NETO, 1996: 80)

Nesses versos, o próprio Catulo assume uma *persona* que não é, necessariamente, o autor. Ademais, emprega o uso de interlocutores em seus poemas para se expressar, de forma a imprimir um caráter de proximidade e, por conseqüência, ao interpelá-los se insere na diátribe estóico-cínica³⁸. O próprio caráter metapoético dos versos acima sugere-nos que a adversidade na forma de tratamento a Fúrio tenha origem poética, de divergência estética.

Vale lembrar, ainda, que Fúrio é mencionado também nos *carmina* 23 e 26 (poemas que fazem parte do ciclo de poemas de Juvêncio)³⁹ de forma irônica.

De todo modo, independente da identidade de Fúrio, é possível pensar que ambos os poemas tratem de modo distinto de um mesmo destinatário, de uma mesma *persona*. Sendo assim, a própria inconstância e efemeridade nas relações, como a expressa nos poemas dedicados a Lésbia, teriam simplesmente aqui mais um exemplo no tratamento temperamental que Catulo dedica a seus destinatários, incluindo os *neóteroi*, de *comites* a rivais, como nos poemas nos quais se queixa da ausência dos amigos ou quando rompe os laços de amizade (*renuntiatio amicitiae*⁴⁰), como nos *carmina* 30, 38, 77, 91 e 102.

Caio Licino Calvo, um neotérico no fórum: Louvado por autores como Quintiliano (*Institutio Oratoria* X, 1, 115) como orador, Licínio Calvo nascera no ano de 82 a. C., como conta Plínio – O Velho (*Naturalis Historia*, XXXIV, 136). 47 a. C. é o ano de sua morte indicado por Cícero (*Ad. Fam.* XV, 21,4). Calvo foi autor de epílios – como *Io* -, além de elegias e de epigramas.⁴¹

³⁷ Um segundo argumento para essa hipótese remete a alegada semelhança entre as obras de Fúrio Alpino e Varrão Atacino, poeta neotérico autor de *Bellum Sequanicum* e *Argonautica*. Essa hipótese é apresentada por Paratore (1987: 317-318), que, contudo, não considera que Fúrio Bibáculo e Fúrio Alpino tenham sido um mesmo poeta.

³⁸ Gênero filosófico em que se discutem assuntos éticos e práticos através do uso de exemplos, citações e introdução de interlocutores (muitas vezes imaginários). No caso de Fúrio, Oliva Neto sugere se tratar de uma máscara de êmulo, tal como os nomes Flávio, Aurélio, Egnácio, Quintio, Tapo cf. OLIVA NETO, 1996: 45-46.

³⁹ OLIVA NETO, 1996: 192; MERRILL 1951: 44.

⁴⁰ Cf. OLIVA NETO, 1996: 240.

⁴¹ PARATORE, 1987: 320.

É um dos neotéricos mais citados por Catulo em seu *Liber*. Como no *carmen* 14, no qual Catulo o maldiz por lhe ter enviado, como presente, um livro *horribilem et sacrum* (v. 12). Como exemplo da já mencionada mudança de tratamento que confere aos destinatários expressos com mesmo nome, diferentemente, nos *carmina* 50 Catulo primeiro relata ao amigo Calvo que sua companhia lhe apraz ao passarem momentos ociosos juntos e, no poema 53, elogia-o acerca de sua loquacidade na denúncia dos crimes de Vatínio:

*Risi nescio quem modo e corona
qui, cum merifice Vatiniانا
meus crimina Caluos explicasset,
admirans ait haec manusque tollens,
“di magni, salaputtium disertum!”*

Quantos risos com não sei quem na praça
Que – quando com seu muito brilho os crimes
de Vatínio meu Calvo denunciava –
bem admirado, erguendo os braços, disse:
“deuses grandes, tem verve este nanico!”
(OLIVA NETO 1996: 102)

Catulo, em seu *carmen* 96, reserva a Calvo breves palavras em solidariedade à morte de Quintília:

*Si quicquam muteis gratum acceptumue
sepulcris
accidere a nostro, Calue, dolore potest,
quo desiderio ueteres renouamus amores
atque olim missas flemus amicitias,
certe non tanto mors inmaturo dolorist
Quintiliae quantum gaudet amore tuo.*

Se à muda cinza algum carinho e agrado, ó Calvo
pode dar nossa dor – esta saudade
com que nós renovamos antigos amores
e choramos perdidas amizades,
certo Quintília já não sofre pela morte
tão precoce, mas goza teu amor.
(OLIVA NETO 1996: 153)

Das louvadas elegias de Calvo propriamente ditas, foi-nos legado apenas um único verso: *forsitam haec etiam gaudeat ipsa cinis*.⁴²

Caio Hélvio Cina e o eterno epílio: Caio Hélvio Cina também foi um dos poetas nascidos, em data desconhecida, na Gália Cisalpina, de onde provinha de família abastada (a quem servira o grande divulgador da cultura helenística Partênio de Nicéia, quando capturado). Biógrafos contam que Cina teria sido morto pelo povo durante os funerais de César, confundido com o anti-cesariano Lúcio Cornélio Cina⁴³. De Hélvio Cina nos sobrou apenas um epigrama, em dois dísticos, transmitido por S. Isidoro (?-636 d.C.)⁴⁴. Sabe-se que compôs o

⁴² PARATORE, 1987: 320.

⁴³ Cf. Plutarco (*Brut.* 20 e *Iul.* 68) e Suetônio (*Iul.* 85) (MERRILL, 1951: 41).

⁴⁴ “*Haec tibi Arateis multum invigilata lucernis / carmina, quis ignis novimus aërios, / levis in aridulo malvae descripta libello / Prusiaca vexi munera navicula*”. (c1911: 231).

poema *Propempticon*, e um epílio, *Esmirna*⁴⁵, celebrado por Catulo no *carmen* 95.⁴⁶

<i>Zmyrna mei Cinnae nonam post denique messem</i>	Esmirna de meu Cina, após a nona messe,
<i>quam coepta est nonamque edita post hiemem.</i>	do início após o nono inverno surge
<i>milia cum interea quingenta Hortensius uno uersiculorum anno quolibet ediderit.</i>	enquanto Hortêncio FÉTIDO num ANO só milhares DE VERSINHOS VOMITOU.
<i>Zmyrna cauas Satrachî penitus mittetur ad undas.</i>	Esmirna vai às ondas côncavas do Sátraco.
<i>Zmyrnam cana diu saecula peruoluent.</i>	Esmirna séculos em cãs vão ler.
<i>at Volusi annales Paduam morientur ad ipsam.</i>	E os Anais de Volúcio em Pádua vão morrer
<i>et laxas scombris saepe dabunt tunicas.</i>	e aos peixes muita vez dar largas túnicas.
<i>parua mei mihi sint cordi monimenta sodalis.</i>	Que eu em meu coração seus minimonumentos
<i>at populus tumido gaudeat Antimacho.</i>	Guarde e, tímido, a turba queira Antímaco.

(OLIVA NETO, 1996: 152)

Como se observa, nesse poema, Catulo elogia a composição de Cina em detrimento às de Hortêncio e Volúcio, cujos *Anais*, segundo o autor do *Liber*, serviriam de embrulho no mercado, de “túnicas aos peixes” (literalmente, de “túnicas para as sardas”, *scombris [...] tunicas* v. 8). Tem-se, neste poema, uma clara contraposição entre a estética dos neotéricos e uma poesia extensa, sobre temas tradicionais e, sobretudo, escrita sem apuro.⁴⁷

Considerações finais: A partir da obra de Catulo podemos visualizar que o cenário artístico de sua época reflete de fato mudanças expressivas na estética literária. Isso não apenas pelas características da poesia catuliana (por exemplo, o alto grau de elaboração das composições breves sobre temáticas cotidianas). Vimos que Catulo expressa, também numa perspectiva subjetiva, pela menção a outros poetas, um contraste entre neotéricos e a tradicional poesia romana, e talvez conflitos dos neotéricos entre si.

De todo modo as interpelações características da obra catuliana (e que muitas vezes apresentam tratamento inconstante do interpelado) figuram como fonte de acesso aos poetas neotéricos, principalmente àqueles de quem nos foram legados poucos fragmentos. A depender do conteúdo do poema, algumas dessas interpelações são diretamente associáveis a tais poetas. Em outros casos, a identificação desses requer a associação (muitas vezes especulativa) por parte

⁴⁵ Thomson (1997: 17) considera *Esmirna* como “an epyllion based on a bizarre theme of incestuous love”, uma vez que retrataria a personagem mitológica Esmirna (também chamada de Mirra), que se apaixona pelo pai.

⁴⁶ PARATORE, 1987: 320.

⁴⁷ Para uma fina análise da metapoesia deste *carmen* catuliano, e suas repercussões em Marcial, cf. CESILA, 2008.

de estudiosos modernos, que aproximam dedicatários dos poemas a escritores como historiógrafos e oradores, conhecidos de outras fontes. Em suma, o conhecimento dos neotéricos via Catulo dependerá, portanto, da habilidade de lidarmos com a característica metapoética de seu *Liber*.

Referências Bibliográficas:

- ADAMS, J. N. (1990). *The Latin Sexual Vocabulary*. Duckworth, London.
- ALBRECHT, M. (1997). *A history of Roman literature : from Livius Andronicus to Boethius*. E.J. Brill, New York.
- AUSONIUS. (1988). With an english translation by Hugh G. Evelyn White. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts and London, England.
- BARCHIESI, A. (1993) "L'Epos". In: CAVALLO et alii (1993). *Lo spazio letterario di Roma antica*. Vol. I, p. 115-141 Salerno, Roma.
- CALLIMACHUS. (1950). *Hymns and epigrams*. With an English translation by Aratus W. Mair, G. R. Mair. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts and London.
- CATULLUS (1987). *Catullus: A commentary by C. J. Fordyce*. Reprinted with corrections. Oxford University Press, Great Britain.
- _____. (1997). *Catullus. Edited with a textual and interpretative commentary by D.F.S. Thomson*. University of Toronto Press. Toronto, Buffalo, London.
- _____. *Catullus* (1951). Edited by Elmer Truesdell Merrill. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts and London, England.
- CATULO. (1991). *O Cancioneiro de Lésbia*. Introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio Vasconcellos. Editora Hucitec, SP.
- _____. (1996). *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp.
- CESILA, R. T. (2008) O palimpsesto epigramático de Marcial : intertextualidade e geração de sentidos na obra do poeta de Bilbilis. Tese (Doutorado em Lingüística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- CICERO. (1964). *L'Orateur*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Belle Lettres, Paris.
- _____. (1983). *Correspondance*. Texte établi et traduit par Jean Bayet. Belles Lettres, Paris.
- CONTE, G. B. (1994). *Latin Literature – a history*. The Johns Hopkins University Press, Inglaterra.
- CORTE, J. F. C. (1997). *Catulo y los poetas neotéricos*. In: "História de la Literatura Latina". Org: CODONER, Carmen. Cátedra: Critica y Estudios Literarios: Madrid.
- DUGAN, J. (2001). *Preventing Ciceronianism: C. Licinius Calvus' Regimens for Sexual and Oratorical Self-Mastery*. In: *Classical Philology*, vol. 96, nº 4. The University of Chicago Press. Em <http://www.jstor.org/pss/1215514> acessado em 14/04/2009.
- GALLARDO, M^a. D. "La Revolución de los <<Poetae Noui>>". In: *Estudios Clásicos*, nº 97, 1990, p. 19-30.
- GELLIUS. (1991). *Noctes Atticae*. Recognovit brevisque adnotatione critica instruit P. K. Marshall. Oxford University, New York.
- HARDIE, P. R. (2002). *The Cambridge Companion to Ovid*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOLLIS, A. S. (2007). *Fragments of Roman Poetry*. Oxford Univ. Press, Oxford.
- KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. V. (editores). (1996). *The Cambridge History of Classical Literature*. Cambridge, Inglaterra.

- LEONI, G. D. (1961). *A Literatura de Roma*. esboço histórico da cultura latina com uma antologia de trechos traduzidos. Nobel, SP.
- LOOMIS, J. W. (1969). *M. Furius Bibaculus and Catullus*. In: *The Classical World*, Vol. 63, No. 4. Classical Association of the Atlantic States em: <http://www.jstor.org/pss/4347051> - acessado em 14/04/2009.
- MOREL, W. (1995). *Fragmenta poetarum Latinorum epicorum et lyricorum praeter Ennium et Lucilium*. Novis curis adhibitis edidit Carolus Buechner. Teubner, Leipzig, Stuttgart.
- QUINTILIANUS. (1996). *Institutio Oratoria*. With an english translation by H. E. Butler. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts and London, England.
- PARATORE, E. (1987). *História da Literatura Latina*. Fundação Calouste Gulbenheian: Lisboa.
- SEVILHA, S. I. (c1911). *Etymologiarvm sive originvm: libri XX / Isidori Hispalensis Episcopi*. Recognovit brevique adnotatione critica instrvxit W. M. Lindsay. Oxford University, New York.
- WATSON, Rev. J. S. (1853). *Justin, Cornelius Nepos, and Eutropius*. Literally translated, with notes and a general index. Henry G. Bohn, London.